

MINEIRINHO EM CENA: Uma releitura teatral contemporânea biopolítica da crônica de Clarice Lispector¹

MINEIRINHO ON SCENE: A contemporary biopolitical theatrical reinterpretation of Clarice Lispector's chronicle

Ryann Vinicius Souza da Silva²

RESUMO

Este trabalho consiste na análise e adaptação teatral da crônica *Mineirinho*, de Clarice Lispector, buscando contribuir para produções artísticas que unam literatura e cena teatral como instrumentos de reflexão social. A pesquisa investiga os significados e camadas interpretativas do texto original, relacionando-os ao contexto contemporâneo e à permanência de questões como violência, injustiça e desigualdade. O estudo se fundamenta em conceitos como necropolítica e biopolítica, discutindo como o poder decide sobre a vida e a morte de determinados corpos e como essas estruturas se perpetuam na atualidade do Brasil. A proposta culmina na criação de um monólogo que dialoga diretamente com o público, mesmo com aqueles que não conheçam a obra, estimulando uma escuta sensível e crítica. O interesse por esta pesquisa surgiu a partir da trajetória pessoal, acadêmica e artística do autor, marcada por experiências com teatro e projetos culturais voltados à memória e à identidade, que levaram a compreender o palco como espaço de resistência e diálogo. A adaptação parte de um olhar ético e político para a obra de Clarice Lispector, buscando ressignificar sua potência na cena atual.

PALAVRAS-CHAVE: Clarice Lispector, *Mineirinho*, Monólogo, Adaptação teatral, Necropolítica, Biopolítica.

ABSTRACT

This work consists of an analysis and theatrical adaptation of Clarice Lispector's chronicle *Mineirinho*, seeking to contribute to artistic productions that combine literature and theater as instruments of social reflection. The research investigates the meanings and interpretative layers of the original text, relating them to the contemporary context and the permanence of issues such as violence, injustice, and inequality. The study is grounded in concepts such as necropolitics and biopolitics, discussing how power decides on the life and death of certain bodies and how these structures are perpetuated in Brazil today. The proposal culminates in the creation of a monologue that engages directly with the audience, even those unfamiliar with the work, encouraging sensitive and critical listening. The interest in this research arose from a personal, academic, and artistic trajectory, marked by experiences with theater and cultural projects focused on memory and identity, which led to an understanding of the stage as a space for resistance and dialogue. The adaptation

¹ Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Teatro) apresentado à Universidade Federal do Amapá – UNIFAP, Campus Marco Zero, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Teatro. Orientador: Prof. Dr. José Flávio Gonçalves da Fonseca.

² SILVA, Ryann Vinicius Souza. Graduando em Licenciatura em Teatro pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). E-mail: vinnysouza549@gmail.com.

begins with an ethical and political perspective on Clarice Lispector's work, seeking to redefine its power in the contemporary scene.

KEYWORDS: Clarice Lispector, Mineirinho, Monologue, Theatrical adaptation, Necropolitics, Biopolitics.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo propõe revisitar, de forma sensível e descritiva, o processo de criação e desenvolvimento da adaptação teatral da crônica *Mineirinho* (1962), de Clarice Lispector (1920–1977), para um monólogo cênico. O interesse por esta pesquisa nasce da vontade de investigar como o teatro, em diálogo com a literatura, pode dar voz a narrativas que denunciam a violência estrutural e a exclusão social, especialmente aquelas que atravessam o tempo e permanecem atuais. Nesse sentido, a relação entre teatro e literatura, compreendida como um processo de transposição e recriação de linguagens, constitui um eixo central desta investigação, dialogando com os estudos de Heloise Vidor (2016), que problematiza os atravessamentos entre texto literário e cena teatral.

A crônica *Mineirinho*, ao tratar da violência policial e do silenciamento de corpos marginalizados, apresenta-se como um potente material para a cena, na medida em que articula literatura, política e subjetividade. Ao investir na potência do monólogo teatral, este trabalho busca aprofundar a compreensão da violência narrada por Clarice Lispector, articulando-a às teorias da biopolítica, formulada por Michel Foucault (1978), e da necropolítica, desenvolvida por Achille Mbembe (2003), em diálogo direto com a prática teatral. A adaptação cênica, portanto, não se limita à transposição do texto literário, mas propõe uma releitura crítica que evidencia como as relações de poder operam sobre os corpos, determinando quem pode viver e quem deve morrer.

O processo de criação considerou, sobretudo, a potência política e estética do texto original, bem como a atualidade das problemáticas sociais que o atravessam, tais como a violência de Estado, o racismo estrutural e o apagamento de corpos marginalizados. A adaptação teatral desenvolveu-se por meio de pesquisa textual, experimentações corporais e vocais do ator e da construção de uma relação direta com o público, buscando uma experiência cênica íntima, afetiva e provocadora. Nesse percurso, dialoga-se também com estudos sobre as adaptações numerosas e complexas das obras de Clarice Lispector para as Artes Cênicas, frequentemente explorando a dramaticidade intrínseca de sua linguagem e a subjetividade intensa de suas personagens. Bem como a sua prosa intimista para o palco mobiliza intensamente conceitos da teoria do drama e da semiologia do teatro, especialmente em relação a do fluxo de consciência e à relação entre o texto literário e a performance cênica que

auxilia na compreensão dos mecanismos de significação produzidos na cena.

A pesquisa parte do pressuposto de que o teatro, enquanto espaço vivo, coletivo e efêmero, possui a capacidade singular de corporificar discursos. Diferentemente da literatura, o teatro inscreve a palavra no corpo do ator, transformando o texto em ação, presença e experiência sensível. É nesse sentido que o monólogo se apresenta como uma estratégia potente, pois aproxima o espectador da violência narrada, não apenas como relato, mas como vivência compartilhada, convocando-o a testemunhar, sentir e questionar as estruturas de poder que atravessam os corpos em cena.

Dessa forma, este artigo busca responder às seguintes questões: de que maneira o teatro pode transformar uma crônica literária em um ato de resistência cênica? Como as teorias da biopolítica e da necropolítica contribuem para a compreensão da violência representada em *Mineirinho*? Quais recursos dramáticos e performativos intensificam o vínculo entre ator e público, fomentando a reflexão crítica sobre a realidade social? Tais questionamentos orientam a investigação e reforçam a compreensão de que, ao corporificar o discurso, o teatro produz outro regime de percepção e escuta, capaz de tensionar o olhar do espectador sobre a violência naturalizada no cotidiano.

Para tanto, a pesquisa fundamenta-se em estudos bibliográficos, análises práticas e investigação qualitativa, estabelecendo diálogo com autores como Clarice Lispector (1920–1977), Michel Foucault (1926–1984), Achille Mbembe (1957–), Patrice Pavis (1947–) e Hans-Thies Lehmann (1944–). Parte-se do entendimento de que o teatro é capaz de constituir um espaço de resistência simbólica justamente por sua dimensão coletiva, corporal e política, na qual o espectador não apenas observa, mas é afetado pela cena.

Este artigo está estruturado em três seções principais, além da introdução e das considerações finais. Na primeira seção, intitulada *Clarice Lispector e suas obras literárias*, apresenta um panorama da trajetória da autora, destacando aspectos de sua escrita, suas inquietações existenciais e a relevância da crônica *Mineirinho* no contexto social e literário brasileiro. Na segunda seção, *Necropolítica, biopolítica e a correlação com a crônica Mineirinho*, discute-se os conceitos de Michel Foucault e Achille Mbembe, refletindo sobre como esses aportes teóricos dialogam com a violência estrutural presente na crônica e com a proposta de adaptação teatral. Na terceira seção, *Processo de criação: do texto à cena*, descreve o percurso metodológico da adaptação da crônica para o monólogo cênico, abordando as escolhas estéticas, a construção dramatúrgica, o trabalho com o corpo e a relação com o público. Nas considerações finais, retoma os objetivos da pesquisa e apresenta as principais conclusões, refletindo sobre as contribuições desta adaptação para o campo do teatro e para a leitura crítica da obra de Clarice Lispector.

2 CLARICE LISPECTOR E SUAS OBRAS LITERÁRIAS



Figura 1 - Retrato da escritora Clarice Lispector

Fonte: Reprodução da Internet. Disponível em: <https://biografiaresumida.com.br/biografia-de-clarice-lispector/>

Clarice Lispector (1920–1977) é considerada uma das maiores escritoras da literatura brasileira do século XX, com uma obra marcada por uma escrita introspectiva, existencial e profundamente filosófica. Segundo Ítalo Moriconi (2008), Clarice construiu uma escrita que rompe com a tradição narrativa convencional, apresentando uma linguagem que valoriza o subjetivo e o introspectivo. Nascida na Ucrânia e naturalizada brasileira ainda criança, Clarice foi morar na região nordeste do Brasil, desenvolveu sua carreira literária num contexto de profundas transformações sociais, políticas e culturais no país. Conforme Antônio Candido (1999), o desenvolvimento da literatura brasileira ocorre em estreita relação com as transformações históricas, sociais e culturais do país, sendo a produção literária ao mesmo tempo resultado e reflexão crítica dessas mudanças. Nesse sentido, a literatura acompanha os processos de formação da sociedade brasileira, incorporando em suas formas e temas as tensões e contradições de cada período histórico.

No caso de Clarice Lispector, essa perspectiva permite compreender sua escrita introspectiva e existencial como uma resposta às transformações do sujeito moderno no Brasil do século XX. Ainda que sua obra se concentre na interioridade e na subjetividade, ela expressa as inquietações, silenciamentos e tensões de um contexto histórico marcado por profundas mudanças sociais e políticas.

Segundo Benedito Nunes (1989), a escrita de Clarice Lispector é caracterizada por um rompimento com as formas narrativas tradicionais, adotando uma linguagem fragmentada, poética e

altamente subjetiva que mergulha no universo interior das personagens. Esse estilo se aproxima do fluxo de consciência e do monólogo interior, elementos estudados por Lúcia Miguel Pereira (2002) em sua análise da obra clariceana, que enfatiza a centralidade do ser em sua complexidade, dúvidas e contradições.

Nas palavras de Benedito Nunes (1989), os textos de Clarice raramente seguem uma estrutura linear; em vez disso, a autora convida o leitor a percorrer caminhos tortuosos, repletos de pausas reflexivas e questionamentos existenciais. O autor reforça que Clarice busca ir além das aparências cotidianas, valorizando não o fato em si, mas a experiência sensível que ela provoca.

Clarice Lispector escreveu romances, contos, crônicas e literatura infantil. Entre seus romances mais conhecidos estão *Perto do Coração Selvagem* (1943), *A Paixão Segundo G.H.* (1964), *A Hora da Estrela* (1977) e *Água Viva* (1973). Segundo Nádia Battella Gotlib (1995), essas obras apresentam personagens em constante processo de autoconhecimento, lidando com situações que os forçam a confrontar a própria essência.

Além dos romances, as crônicas publicadas por Clarice Lispector em jornais e revistas apresentam uma profundidade semelhante à de sua obra ficcional, revelando uma escrita marcada pelo tom confessional, lírico e inquietante. Nesse sentido, o gênero da crônica, conforme discutido por Walter Benjamin (2006), configura-se como um espaço privilegiado para a reflexão sobre o cotidiano, no qual o sujeito narrador transforma experiências aparentemente banais em matéria de pensamento e sensibilidade. Para Benjamin, a crônica não se limita ao registro factual do dia a dia, mas atua como um gesto crítico que ressignifica o vivido, revelando fissuras, estranhamentos e tensões ocultas na experiência moderna. Assim, as crônicas de Clarice Lispector, ao explorar a interioridade do sujeito e a instabilidade do cotidiano, aproximam-se dessa concepção benjaminiana, convertendo o cotidiano em um espaço de questionamento existencial e reflexão poética.

Clarice foi uma escritora que desafiou o lugar da mulher na literatura e na sociedade não por meio de discursos diretos de militância, mas através da revelação da subjetividade feminina e da angústia existencial das suas personagens. Como observa Márcia Tiburi (2004), sua obra transcende fronteiras literárias e continua a influenciar leitores e escritores em todo o mundo por sua linguagem sensível, densa e perturbadora.

2.1 MINEIRINHO

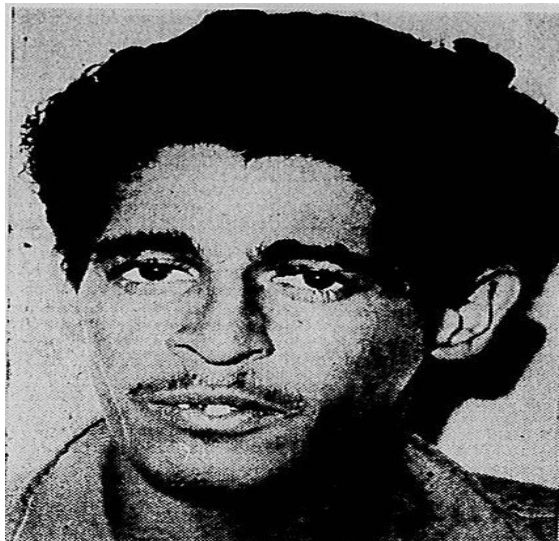


Figura 2 - Retrato de jornal do Mineirinho

Fonte: Reprodução da Internet. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Mineirinho_%28criminoso%29

Entre as obras mais impactantes de Clarice Lispector está a crônica *Mineirinho*, publicada originalmente em 1962, que ultrapassa os limites do gênero tradicional da crônica jornalística (Lispector, 2005). Inspirada na notícia real da morte de um criminoso conhecido como *Mineirinho*, alvejado com treze tiros pela polícia, a autora constrói um texto que é, simultaneamente, denúncia, lamento e reflexão filosófica (Nunes, 2009). A crônica *Mineirinho* é considerada uma das obras mais contundentes de Clarice Lispector por ultrapassar o registro jornalístico e converter um fato real em uma reflexão ética e política sobre a violência institucional e a desumanização dos corpos marginalizados. Ao problematizar a naturalização da morte e a lógica punitiva do Estado, Clarice transforma a crônica em um espaço de denúncia e responsabilização coletiva, reafirmando a potência crítica de sua escrita.

Segundo Benedito Nunes (2009), Clarice parte do fato noticiando a morte de um bandido para questionar o papel da justiça, da sociedade e da moral. No entanto, essa não é uma defesa ingênua do criminoso, mas um posicionamento ético diante da desumanização. A repetição do número “treze”, conforme observa Olga de Sá (2013), funciona como um recurso simbólico que intensifica o impacto da violência e conduz o leitor ao mergulho interior da narradora, que se angustia diante da frieza

social que assiste, de forma impassível, às execuções sumárias justificadas pelo medo e pelo desejo de punição. Nesse movimento, a narradora descreve corporalmente a progressão da violência sofrida, afirmando: “O primeiro tiro me espanta. O segundo me faz perder o chão. No terceiro fico alerta, no quarto desassossego, no quinto e no sexto me cubro de vergonha.” (Lispector, 1962).

Para Evando Nascimento (2012), essa afirmação sintetiza a essência da crônica: o reconhecimento da alteridade e de uma empatia radical. Mineirinho não é apenas o homem morto pela polícia, mas símbolo de uma humanidade rejeitada, marginalizada e esquecida. Clarice transforma um fato banalizado em experiência existencial, convocando o leitor a refletir sobre os limites da justiça, da compaixão e da barbárie.

A linguagem de Mineirinho é densa, poética e fragmentada, marcada por digressões e imagens que rompem com o discurso objetivo da imprensa (Sá, 2013). Como aponta Benedito Nunes (2009), Clarice rejeita a neutralidade e assume sua responsabilidade como escritora: sentir, dar voz à inquietação e provocar o pensamento. Dessa forma, a crônica adquire contornos filosóficos, existencialistas e políticos. Escrita em um contexto de tensões sociais e políticas crescentes pouco antes do golpe militar de 1964, a crônica já apontava para os mecanismos de violência institucionalizada e para a indiferença da sociedade diante da morte do outro (Nascimento, 2012). Mineirinho permanece atual, especialmente nas discussões sobre racismo estrutural, necropolítica, justiça seletiva e marginalização da pobreza.

Embora a escrita de Clarice Lispector apresente traços recorrentes ao longo de sua obra, como a introspecção e a fragmentação da linguagem, é possível identificar diferentes momentos em sua produção. A crônica Mineirinho insere-se em um período em que a autora intensifica o diálogo entre subjetividade e questões sociais, assumindo uma postura ética e política mais explícita. Nesse texto, Clarice desloca sua investigação existencial para a denúncia da violência institucional e da desumanização dos corpos marginalizados, configurando um ponto de inflexão em sua trajetória literária.

Assim, a crônica ultrapassa o caso específico e se transforma em um grito ético: o questionamento de uma sociedade que se julga civilizada, mas que permite que um homem receba treze tiros e morra como se sua vida não tivesse valor. Diferentemente do conto, o texto não se organiza em torno de uma trama ficcional ou da construção psicológica de personagens, mas parte de um fato real para desenvolver uma reflexão ética e política sobre a violência institucional. Nesse

sentido, Clarice Lispector expande os limites da crônica jornalística, transformando-a em um espaço de questionamento existencial e denúncia social.

Mineirinho, apelido de José Miranda Rosa, 28 anos, pardo e pobre, nasceu em 1934, no Rio de Janeiro. Foi morto pela polícia em 1962, após ser atingido por treze tiros. A repercussão de sua execução motivou a escrita da crônica de Clarice Lispector, que desloca o foco do fato policial para uma reflexão ética sobre a violência institucional e a naturalização da morte de corpos marginalizados. Ao propor essa reflexão, Clarice rompe com os limites do literário e se afirma como uma escritora profundamente engajada não no discurso panfletário, mas na escuta sensível da dor alheia (Nunes, 2009).

3 NECROPOLÍTICA E BIOPOLÍTICA

A compreensão das dinâmicas de poder nas sociedades contemporâneas passa, necessariamente, pelo entendimento dos conceitos de biopolítica e necropolítica. Ambos os termos auxiliam na análise de como o Estado, por meio de instituições, práticas e discursos, organiza e exerce o controle sobre a vida e a morte dos sujeitos. Desenvolvidos, respectivamente, por Michel Foucault (1926–1984) a partir de suas reflexões sobre biopoder, sistematizadas no final da década de 1970 e por Achille Mbembe (1957–), no ensaio *Necropolítica* (2003), esses conceitos possibilitam uma análise crítica dos sistemas que regulam, legitimam e, por vezes, naturalizam violências cotidianas, sobretudo contra corpos racializados, marginalizados e periféricos. No contexto da crônica Mineirinho, de Clarice Lispector, publicada originalmente em 1962 e reunida em *A legião estrangeira* (2005), tais conceitos mostram-se fundamentais para interpretar o ato extremo de violência perpetrado pelo Estado e a reflexão ética e existencial proposta pela autora.

3.1 BIOPOLÍTICA: O PODER SOBRE A MORTE

O conceito de biopolítica foi formulado pelo filósofo francês Michel Foucault (1926–1984), especialmente a partir de suas aulas no *Collège de France*, reunidas em defesa da sociedade, curso ministrado entre 1975 e 1976 e publicado posteriormente. Segundo Foucault, a biopolítica constitui um modo de exercício do poder que se volta à gestão da vida da população. Trata-se de uma transição histórica: se, durante séculos, o poder soberano era definido pelo direito de tirar a vida “fazer morrer”, a partir do século XVIII emerge uma nova forma de poder centrada em “fazer viver e deixar morrer” (Foucault, 1976/1999; 1978).

A biopolítica estrutura-se, portanto, como um conjunto de mecanismos de regulação e controle da vida coletiva. O Estado passa a investir em práticas que visam prolongar a vida, gerir nascimentos, promover saúde pública, educação, moradia, segurança, estatísticas e outros dispositivos voltados ao bem-estar da população. O que está em jogo na biopolítica é a administração da vida biológica dos corpos, das populações, dos comportamentos e dos espaços sociais (Foucault, 1976/1999). É nesse sentido que a violência reiterada narrada por Clarice Lispector em *Mineirinho* explicita o funcionamento dessa lógica, ao afirmar que “porque treze tiros me assustam mais do que um tiro” (Lispector, 1962).

Contudo, o poder biopolítico não é necessariamente benevolente. Ao estabelecer normas sobre o que é uma vida digna de ser vivida, ele também impõe critérios de exclusão. Certos corpos passam a ser vistos como “inúteis”, “ameaçadores” ou “descartáveis”. A biopolítica, ao mesmo tempo em que protege, também segrega, instaurando uma linha tênue entre a proteção da vida e o seu abandono dinâmico que se evidencia de forma contundente na violência estatal denunciada por Clarice Lispector em *Mineirinho*.

3.2 NECROPOLÍTICA: O PODER SOBRE A MORTE

A partir da crítica às limitações do conceito foucaultiano de biopolítica, o filósofo camaronês Achille Mbembe propõe, em seu ensaio *Necropolítica* (2003), uma nova formulação: a necropolítica. Para Mbembe (2003; 2018), em contextos marcados pelo colonialismo, pelo racismo estrutural e pelo autoritarismo, o Estado não apenas gere a vida, mas administra a morte. A necropolítica refere-se ao poder político moderno exercido pelo Estado ao decidir quem deve viver e quem deve morrer ou, ainda, quem pode ser colocado em uma zona de indiferença, de morte social e de abandono.

Mbembe (2018) demonstra que o paradigma da necropolítica se revela de forma brutal em práticas estatais como genocídios, ocupações militares, encarceramento em massa, execuções extrajudiciais, favelização e na ausência deliberada de políticas públicas destinadas a determinadas populações. No caso do Brasil, por exemplo, a necropolítica pode ser observada na militarização das periferias, no extermínio da juventude negra e na legitimação social da violência policial, uma vez que “a expressão máxima da soberania reside, em grande medida, no poder e na capacidade de decidir quem pode viver e quem deve morrer” (Mbembe, 2003, p. 11).

Diferentemente da biopolítica, que visa regular a vida, a necropolítica naturaliza a morte.

Ela produz espaços de exceção como favelas, prisões e as ruas nos quais o Estado atua segundo uma lógica de guerra, autorizando o uso da força letal sem a devida prestação de contas. A morte, nesses contextos, não é um erro do sistema, mas o resultado de uma política deliberada.

3.3 A CRÔNICA MINEIRINHO SOB O OLHAR DA BIOPOLÍTICA E NECROPOLÍTICA



Figura 3 - Retrato de noticiário do Mineirinho morto

Fonte: Reprodução da Internet. Disponível em: <https://portalcenario.wordpress.com/2020/12/03/clarice-lispectorbandido-bom-e-bandido-morto/>

A crônica Mineirinho, escrita por Clarice Lispector e publicada em 1962, tem como ponto de partida um fato ocorrido no Rio de Janeiro: a morte de José Miranda Rosa, conhecido como Mineirinho, durante uma ação policial. Procurado por diversos crimes, Mineirinho foi morto com treze tiros, episódio que ganhou destaque na imprensa da época e motivou a escrita da crônica.

A crônica Mineirinho, de Clarice Lispector (1962), ao narrar a execução brutal de um criminoso pela polícia com treze tiros, confronta-nos diretamente com a lógica necropolítica. Mineirinho não foi apenas morto; foi excessivamente morto, como observa a própria autora. O número de tiros não é um detalhe: ele simboliza o excesso, o gozo da violência e a desumanização do outro. Clarice Lispector não se detém na biografia do homem, mas na sensação de que algo essencial se perde na sociedade quando se aceita com naturalidade a morte do outro como forma de justiça.

A morte de Mineirinho revela a atuação de um Estado que ultrapassa a punição legal e

adentra o campo da vingança. A execução não se deu para defender a sociedade, mas para reafirmar o poder soberano do Estado, mesmo que isso signifique eliminar totalmente o outro. A crônica, portanto, denuncia a normalização da morte do sujeito marginalizado como prática aceitável, ecoando diretamente os argumentos de Achille Mbembe (2003; 2018) sobre a necropolítica.

Ao mesmo tempo, mineirinho também dialoga com a biopolítica ao nos fazer refletir sobre quem merece viver e quem pode ser abandonado à morte. A escolha de Clarice Lispector em se implicar emocionalmente com a morte de alguém considerado “fora da lei” constitui, em si, um gesto de subversão ética: a autora recusa a narrativa dominante que legitima a violência do Estado. Quando escreve: “Com um tiro só, ele estaria morto. O resto era vontade de matar. [...] O décimo terceiro tiro me assassina porque eu sou o outro.” (Lispector 1962 / 2005)

Clarice reconhece que a violência contra um corpo marginalizado é também uma violência contra todos nós, contra a humanidade compartilhada e contra o tecido ético da sociedade. A necropolítica, portanto, não se configura apenas como uma teoria abstrata, mas se manifesta em situações concretas, como a morte de Mineirinho, que não representa uma exceção, e sim parte de uma lógica mais ampla e cruel. Clarice Lispector, por meio de uma linguagem intensa e sensível, obriga-nos a encarar esse horror e a questionar nosso lugar diante da barbárie. A crônica não convoca à indiferença, mas à indignação.

4 PROCESSO DE CRIAÇÃO: DO TEXTO À CENA

Este trabalho consiste em uma pesquisa teórico-prática que investiga a adaptação da crônica Mineirinho, de Clarice Lispector, para o formato de um monólogo teatral. O processo de criação parte da análise do texto literário e se desenvolve na construção dramaturgica e cênica do espetáculo Mineirinho em Cena, buscando compreender de que modo a palavra escrita pode ser transposta para a cena a partir do corpo, da voz e da presença do ator (Pavis, 2008).

A construção do processo cênico iniciou-se com uma leitura minuciosa da crônica, atentando-se não apenas à narrativa dos acontecimentos, mas, sobretudo, ao posicionamento ético e afetivo da narradora diante da morte de Mineirinho. A repetição dos treze tiros, o tom de indignação crescente e a recusa da narradora em aceitar a violência como algo naturalizado se tornaram elementos centrais para a criação da dramaturgia cênica. A partir dessa análise, foram selecionados trechos do texto original e realizadas reorganizações textuais, mantendo a força poética da escrita clariciana, mas adaptando o ritmo e a estrutura para a cena.

Em seguida, o processo avançou para a experimentação cênica, na qual o texto passou a ser testado em relação ao corpo do ator. O trabalho corporal e vocal foi fundamental para transformar a palavra escrita em ação cênica, permitindo que o discurso se manifestasse como experiência sensível e não apenas como narração. O corpo em cena passou a assumir o papel de um corpo atravessado pela violência, pela indignação e pela memória, dialogando diretamente com o público, conforme propõe Erika Fischer-Lichte (2008) ao pensar a performance como acontecimento.



Figura 5 - Apresentação do monólogo Mineirinho em Cena no Conju- Evento de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá.

Fonte: Acervo do autor, 2025.

A adaptação da crônica também se deu a partir de sua releitura no contexto contemporâneo. Embora escrita em 1962, Mineirinho estabelece um diálogo direto com a realidade atual, especialmente no que diz respeito à violência policial, à necropolítica e à marginalização de corpos negros e periféricos (Mbembe, 2018). O processo criativo buscou evidenciar essa atualização, aproximando o discurso de Clarice Lispector das violências que ainda se repetem na sociedade brasileira, de modo que o público pudesse reconhecer, na cena, situações que permanecem presentes no cotidiano.

Para refletir sobre a adaptação teatral e a dramaturgia, o processo dialoga com Patrice Pavis (2008), compreendendo a adaptação como uma recriação que respeita o texto de origem, mas assume novas formas e sentidos no encontro com a cena. As reflexões de Erika Fischer-Lichte (2008) contribuíram para pensar a performance como um acontecimento relacional, no qual o sentido se constrói na relação entre ator e espectador. Já as contribuições de Bertolt Brecht (1990) aparecem na busca por um distanciamento crítico, que impede a identificação passiva e provoca o espectador a

refletir sobre a violência apresentada.

No que diz respeito aos ensaios, o processo cênico foi desenvolvido a partir de experimentações práticas em sala, nas quais o texto adaptado foi testado repetidas vezes em relação ao corpo e à voz do ator. Cada ensaio buscou compreender como a palavra de Clarice Lispector reverberava fisicamente, permitindo que o texto fosse atravessado por pausas, silêncios e variações rítmicas. O ritmo da cena foi construído a partir da repetição dos treze tiros presentes na crônica, que passaram a organizar o tempo cênico, criando tensões, interrupções e momentos de suspensão.

As decisões de cena foram guiadas pela simplicidade e pela potência simbólica. O espaço cênico foi pensado de forma não realista, priorizando um espaço quase vazio, que permitisse ao corpo do ator ocupar centralidade e estabelecer uma relação direta com o público (Lehmann, 2007). Essa escolha reforça a ideia de um corpo exposto, sem proteção, em diálogo com a violência narrada no texto. O figurino foi concebido de maneira neutra e funcional, evitando caracterizações específicas, de modo que o personagem pudesse representar um corpo coletivo, atravessado por diferentes histórias de exclusão e silenciamento.

Todo esse percurso evidencia de forma concreta o processo de criação desenvolvido, mostrando o que foi feito e como foi realizado. Os ensaios do monólogo aconteceram na sala preta, espaço escolhido por sua neutralidade e pela possibilidade de controle da luz, do silêncio e da relação direta entre corpo e espaço. Essa escolha permitiu que o processo se concentrasse no corpo do ator como principal elemento de significação cênica, reforçando a exposição do corpo em cena e o caráter íntimo e crítico do monólogo.

O trabalho prático foi estruturado a partir de ensaios contínuos, nos quais texto, corpo e voz foram sendo ajustados de maneira processual. As decisões cênicas surgiram da experimentação direta, permitindo observar quais trechos do texto exigiam maior contenção, quais demandavam intensidade física e quais se sustentavam no silêncio. O ritmo da cena foi construído gradualmente, a partir da escuta do próprio texto e de sua reverberação no espaço da sala preta, fazendo com que a repetição dos treze tiros se manifestasse não apenas na palavra, mas também no tempo cênico e na presença do ator.



Figura 6 - Apresentação do monólogo Mineirinho em Cena no Conju- Evento de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá.

Fonte: Acervo do autor, 2025.



Figura 7 - Apresentação do monólogo Mineirinho em Cena no Conju- Evento de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá.

Fonte: Acervo do autor, 2025.

A relação com o público constituiu-se como elemento fundamental do processo. Em determinados momentos, o olhar direto e a quebra da quarta parede foram utilizados como estratégia

para provocar o espectador e convidá-lo à reflexão crítica, aproximando a cena da realidade contemporânea, em consonância com a perspectiva brechtiana de um teatro que desperta o pensamento (Brecht, 1990). Dessa forma, o processo de criação cênica consolidou-se como uma experiência que articula texto, corpo e espaço, transformando a adaptação da crônica Mineirinho em um acontecimento teatral que ultrapassa a narrativa literária e se afirma como gesto político e poético.

A criação deste processo foi mobilizada pela inquietação diante da permanência da violência estrutural na sociedade brasileira, especialmente no que se refere à naturalização da morte de corpos marginalizados. O contato com a crônica Mineirinho, de Clarice Lispector, despertou o interesse em investigar como a linguagem teatral poderia potencializar essa denúncia, aproximando o público de uma experiência sensível e crítica. Além disso, a trajetória pessoal, acadêmica e artística do autor, marcada pelo envolvimento com o teatro e com questões relacionadas à memória, identidade e resistência, contribuiu diretamente para a construção deste processo criativo.

Dessa forma, o processo de criação tornou-se visível e concreto, articulando prática e reflexão teórica. A teoria não aparece como um elemento externo ao fazer artístico, mas como suporte para a compreensão das escolhas realizadas ao longo do trabalho. Assim, a adaptação cênica de Mineirinho se consolida como um percurso de investigação em que o fazer teatral e o pensamento crítico caminham juntos, afirmando o teatro como espaço de reflexão estética, política e sensível.

A adaptação de Mineirinho para o monólogo teatral evidencia como a união entre teoria e prática possibilita a criação de uma obra que tensiona o passado e o presente, convocando o público a refletir sobre a permanência da violência e do silenciamento.

As contribuições de Heloíse Vidor (2016) tornam-se fundamentais para esta pesquisa, ao compreender que a leitura no teatro não se limita à compreensão do texto, mas implica sua apropriação criativa no processo cênico, o que reforça a ideia de que a adaptação da crônica Mineirinho, de Clarice Lispector, não se configura como uma simples transposição, mas como uma recriação no espaço da cena.

5 CONCLUSÃO

Na conclusão deste trabalho, retomam-se os objetivos que orientaram a pesquisa, evidenciando de que maneira a crônica Mineirinho (1962), de Clarice Lispector, foi adaptada para um monólogo cênico capaz de provocar reflexão crítica sobre a violência institucional e suas permanências na contemporaneidade. A investigação teórico-prática confirmou que o teatro, em diálogo direto com a literatura, pode transformar uma narrativa escrita em um ato de resistência cênica, no qual a palavra se corporifica e se atualiza na presença do ator e do público (Pavis, 2008; Fischer-Lichte, 2008).

A análise da crônica em seu contexto histórico e social permitiu compreender a denúncia da violência policial e do silenciamento de corpos marginalizados como um problema estrutural que atravessa o tempo (Lispector, 2005). Ao articular essa leitura às contribuições da biopolítica e da necropolítica, foi possível aprofundar a compreensão das relações de poder que operam sobre os corpos, evidenciando como a morte de Mineirinho ultrapassa o fato histórico e se inscreve como símbolo de uma lógica de exclusão ainda vigente (Foucault, 1999; Mbembe, 2018). Esses aportes teóricos não apenas fundamentaram a análise do texto literário, mas orientaram diretamente as escolhas dramatúrgicas e cênicas do processo de adaptação.

O estudo das características do teatro contemporâneo e do monólogo cênico revelou-se fundamental para a construção de uma encenação que privilegiasse a presença, a corporeidade e a relação direta com o espectador. A adaptação dramatúrgica buscou preservar a essência poética e política da crônica, ao mesmo tempo em que dialogou com a atualidade, compreendendo a cena como um acontecimento efêmero, no qual o texto se expande para além da palavra escrita e se realiza na experiência compartilhada (Lehmann, 2007; Fischer-Lichte, 2008).

As experimentações corporais, vocais e espaciais possibilitaram explorar recursos performativos que intensificaram a interação entre ator e público, aproximando o espectador da violência narrada não apenas como relato, mas como vivência sensível. Nesse sentido, o processo de criação evidenciou que o monólogo se constitui como uma estratégia potente para convocar o público a testemunhar, sentir e questionar as estruturas de poder encenadas, reforçando o caráter político da experiência teatral (Brecht, 1990).

Os impactos do processo manifestaram-se tanto no campo artístico quanto no campo críticoformativo. Artisticamente, a pesquisa contribuiu para a compreensão da adaptação teatral como

um processo de ressignificação estética e política do texto literário, no qual corpo, voz e presença assumem centralidade (Pavis, 2008). No campo formativo, a experiência possibilitou uma escuta mais atenta ao texto, ao público e às urgências sociais que atravessam a cena, reafirmando o teatro como ferramenta de conscientização e reflexão social. Dessa forma, a adaptação cênica de Mineirinho confirma que o teatro, enquanto espaço coletivo, vivo e sensível, é capaz de produzir outros regimes de percepção e escuta sobre a violência naturalizada no cotidiano. Ao corporificar o discurso literário, a cena tensiona o olhar do espectador e reafirma o teatro como prática estética e política comprometida com a memória, a denúncia e a transformação social (Fischer-Lichte, 2008; Mbembe, 2018).

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antônio. Literatura e sociedade. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 1999.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

GOTLIB, Nádia Battella. Clarice: uma vida que se conta. São Paulo: Ática, 1995.

LISPECTOR, Clarice. A descoberta do mundo. Org. Olga Borelli. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

MORICONI, Ítalo. Como e por que ler a literatura brasileira do século XX. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

NUNES, Benedito. O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector. São Paulo: Ática, 1989.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Prosa de ficção: de 1870 a 1920. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.

TIBURI, Márcia. Filosofia prática. Porto Alegre: L&PM, 2004.

LISPECTOR, Clarice. A legião estrangeira. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

LISPECTOR, Clarice. Mineirinho. *Jornal do Brasil*, 1962.

NUNES, Benedito. O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector. São Paulo: Ática, 2009.

SÁ, Olga de. A escritura de Clarice Lispector. Petrópolis: Vozes, 2013.

NASCIMENTO, Evando. Clarice Lispector: uma literatura pensante. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. Em defesa da sociedade. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. Public Culture, v. 15, n. 1, 2003.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

PAVIS, Patrice. A análise dos espetáculos. São Paulo: Perspectiva, 2008.

FISCHER-LICHTE, Erika. A estética do performativo. São Paulo: Perspectiva, 2008.

BRECHT, Bertolt. Estudos sobre teatro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

LEHMANN, Hans-Thies. Teatro pós-dramático. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

VIDOR, Heloise Baurich. Leitura e teatro: aproximação e apropriação do texto literário. São Paulo: Hucitec, 2016.